

# USO DA ENTREVISTA EM DISSERTAÇÕES E TESES PRODUZIDAS EM UM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

*Eduardo José Manzini*

Doutor em Psicologia experimental pela Universidade de São Paulo- USP e atualmente é professor associado da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.  
E-mail: ejmanzini@uol.com.br

**RESUMO:** A entrevista tem sido um procedimento amplamente utilizado em pesquisa em ciências humanas. Apesar do uso frequente, nem sempre os trabalhos desenvolvidos tem se apoiado na literatura sobre metodologia de pesquisa. O objetivo do estudo foi analisar como a entrevista foi utilizada em dissertações e teses em um Programa de Pós-graduação em Educação de uma universidade do interior do Estado de São Paulo. Cento e sessenta e sete dissertações e teses desenvolvidas num período de cinco anos foram analisadas. As variáveis enfocaram, por exemplo, justificativa para o uso da entrevista, tipo de entrevista utilizado, forma de constituição do roteiro, tipo de análise realizada, dentre outros. Os resultados demonstraram que ainda é necessária a apreensão dos conteúdos da metodologia de pesquisa que embasam o uso da entrevista para que se possa alcançar o rigor científico para esse procedimento.

**Palavras-chave:** Entrevista; Metodologia de pesquisa; Planejamento de pesquisa.

## USE OF INTERVIEW IN DISSERTATIONS AND THESIS PRODUCED IN AN EDUCATION GRADUATE COURSE

**ABSTRACT:** The interview has been a widely used procedure of research in humanities. Despite the frequent use, researches are not always supported in the literature on research methodology. The aim of this study was to analyze how the interview was used in dissertations and theses in a graduate Program in Education at a university in Sao Paulo state. This study examined 167 final papers developed in to period of five years. Variables focused were: justification for the use of interview, type of interview used, guide elaboration and adaptation, kind of analysis, among others. The results showed that it is still necessary to incorporate the contents of the research methodology underlying the use of the interview to achieve the scientific rigor for this procedure.

**Keywords:** Interview; Methodology; Research Planning.

## 1 Introdução

A entrevista tem sido um procedimento de coleta de dados amplamente utilizado em pesquisa em ciências humanas. Para alguns ela é designada como um método; para outros, um instrumento de pesquisa; e, para outros, uma técnica (NOGUEIRA, 1968; TRIVIÑOS, 1987; REA; PARKER, 200; MANZINI, 2006).

A definição de entrevista a ser adotada em um trabalho de pesquisa dependerá do enfoque teórico que o pesquisador queira imprimir. Por exemplo, podemos entender a entrevista fundamentada em uma abordagem etnográfica (ROMANELLI, 1988), em uma abordagem psicológica (BLEGER, 1980), dentro de uma abordagem fenomenológica (GOMES, 1987; 1988; SEIDMAN, 1988), dentre outras possíveis vertentes teóricas.

Portanto, ao definir a abordagem teórica, estar-se-á atrelando-a, também, a uma matriz metodológica. Exemplo disso se refere à entrevista clínica de Piaget. Essa abordagem teórica irá, metodologicamente, indicar algumas ações do entrevistador dentro da entrevista e uma das técnicas pode ser a problematização.

Independente da abordagem teórica adotada, principalmente quando a entrevista é do tipo semiestruturada, são necessários cuidados que envolvem questões da linguagem e o roteiro a ser utilizado necessita ser planejado cuidadosamente (MANZINI, 2003; 2004; 2006).

Portanto, é necessário que os jovens pesquisadores de mestrado e os estudantes mais experientes que cursam doutorado incorporem os conhecimentos teórico-metodológicos já estudados e divulgados no que se refere à entrevista. Mas, nem sempre, é possível observar essa apreensão em dissertações e teses que já foram defendidas. Dessa hipótese, depreende-se a pergunta de pesquisa do presente estudo: como a entrevista tem sido utilizada em dissertações e teses na área de educação? A área de educação tem incorporado os conhecimentos produzidos pela sociologia, linguística e pela psicologia no que se refere ao uso da entrevista?

Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar como a entrevista foi utilizada nas dissertações e teses em um conceituado Programa de Pós-graduação em Educação de uma faculdade do interior do Estado de São Paulo.

## 2 Método

Na primeira etapa da pesquisa, foi identificada a quantidade de dissertações e teses que faziam parte do programa de Pós Graduação e abrangeu um período de cinco anos. Isso ocorreu por meio dos relatórios Capes da instituição alvo da pesquisa.

Essa primeira análise revelou a existência de 188 dissertações e 136 teses, resultando num total de 324 trabalhos de pesquisas. Esses trabalhos foram listados para serem selecionados e lidos.

A partir dessa lista, foi realizada uma leitura inicial dos resumos de todos os 324 trabalhos de pesquisa para constatar a utilização da entrevista como procedimento de coleta de dados. Nessa leitura, foi necessária uma separação preliminar dos trabalhos de pesquisas que constavam, em seus resumos, à utilização de entrevista. Preliminarmente, os resumos, indicaram que, dentre os 324 trabalhos de pesquisas, 59 dissertações e 38 teses utilizaram a entrevista como procedimento de coleta de dados. Porém, devido ao fato de que vários resumos não informavam corretamente a forma de coletar os dados, foram verificadas todas as 324 dissertações e teses, na seção método e na seção resultados, se faziam uso da entrevista. Essa análise indicou que das 324 pesquisas, 100 dissertações e 67 teses utilizaram a entrevista como procedimento de coleta de dados.

Os parâmetros utilizados para responder a questão de pesquisa foram àqueles construídos e estabelecidos em livros e artigos científicos que versam sobre os cuidados metodológicos para o uso da entrevista. Para tanto, foi elaborada uma planilha composta por 18 variáveis, que circunscreveu a segunda etapa: a tabulação das informações. As variáveis cotizadas são apresentadas a seguir:

- 1) título/ autor da dissertação ou tese;
- 2) nível: mestrado ou doutorado;
- 3) tipo de entrevista: estruturada, semiestruturada, não-estruturada ou mista;
- 4) justificativa: a descrição era apresentada ou não no corpo do trabalho;
- 5) tipo de roteiro: composto por perguntas, itens ou temas;
- 6) juízes para o roteiro: foram ou não submetidos à apreciação externa;

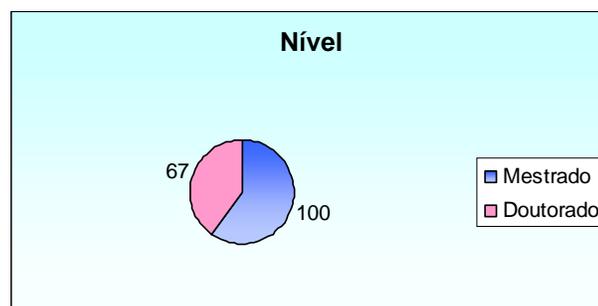
- 7) tipos de perguntas: abertas, fechadas, ou ambas;
- 8) local: se foram descritos, se foram planejados, se adequados ou não para a realização da entrevista;
- 9) tipos de registro;
- 10) duração da entrevista;
- 11) sujeitos entrevistados;
- 12) termo de consentimento: descrito ou não;
- 13) utilizada como fonte única ou auxiliar;
- 14) realização de projeto piloto: realizado ou não;
- 15) tipo de transcrição: descrita ou não;
- 16) tipo de análise: categorial, temática ou estatística;
- 17) tipo de pesquisa: descritiva ou intervenção;
- 18) Juízes para análise dos dados: submetidos ou não à apreciação externa.

O sistema de tratamento de dados adotado foi fundamentado em Manzini e Silva (2001) e Manzini (2003a), ou seja, as categorias foram identificadas, quantificadas por meio do *Microsoft Excel*, e apresentadas em gráficos para melhor visualizar dos dados encontrados.

### 3 Resultados e discussão

Os resultados, em forma de gráficos, apresentam dados de acordo com a análise dos itens da planilha. A Figura 1 apresenta a quantidade de dissertações e teses analisadas.

**Figura 1** – Quantidade de dissertações e teses do PPGE analisadas.

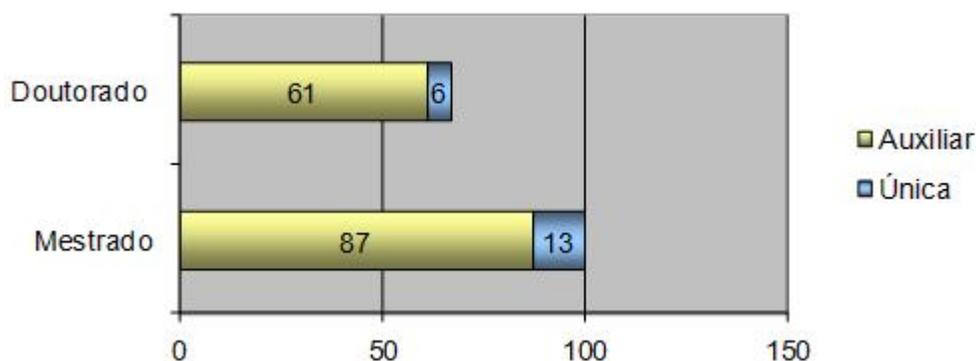


Fonte: Trabalho de campo.

Como pode ser observado na Figura 1, foram encontradas 100 dissertações e 67 teses que usaram a entrevista como instrumento de coleta de dados. Os 167 trabalhos de conclusão correspondem a 51,5% do total dos 324 trabalhos de conclusão no período de 1999 a 2003. Dessa forma, pode-se concluir que a entrevista ainda é um dos procedimentos mais utilizados em pesquisa em Educação. Esse procedimento tem sido utilizado, principalmente, para estudos descritivos e qualitativos.

A entrevista pode ser utilizada pelos pesquisadores como procedimento único ou auxiliar para a coleta de dados (BOGDAN, R. C.; BIKLEN, 2006). No procedimento auxiliar, significa que o pesquisador necessita utilizar outros instrumentos para coleta dados como o questionário, ou ainda de procedimentos como a observação. A Figura 2 apresenta o número de pesquisas que utilizaram a entrevista como procedimento único ou auxiliar.

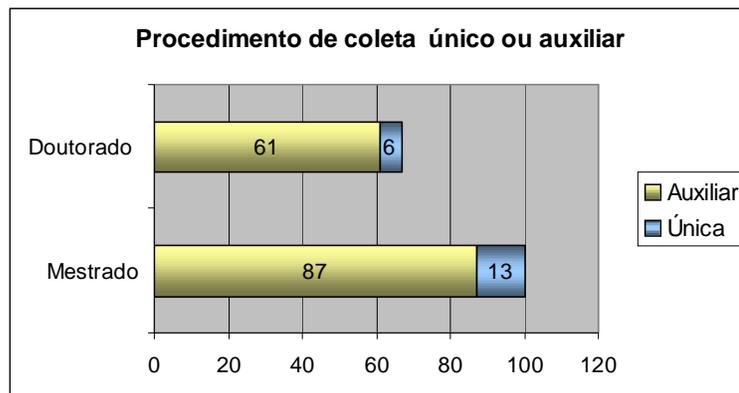
**Figura 2** – Fonte de coleta de dados.



Fonte: Trabalho de campo.

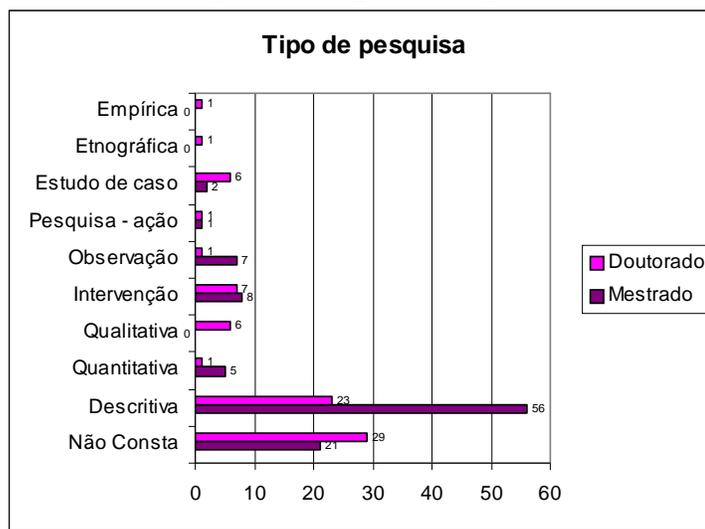
Pode-se constatar nos dados apresentados na Figura 2 que a maioria dos trabalhos de conclusão usou a entrevista como fonte auxiliar. Isto pode ser comum em uma realidade escolar, que necessita, muitas vezes, de procedimentos como a observação para garantir não só uma versão do fato, coletado por meio da entrevista, mas para que o processo de descrição do fenômeno alvo possa ser mais bem estudado. Com certeza, a definição de um procedimento único ou auxiliar para o uso da entrevista dependerá do objetivo da pesquisa. Atrelado a esse fato, é necessário também justificar o porquê do uso da entrevista.

A Figura 3 apresenta o número de dissertações e teses que justificaram o uso da entrevista.

**Figura 3** – Quantidade de dissertações e teses que justificaram o uso da entrevista.

Fonte: Trabalho de campo.

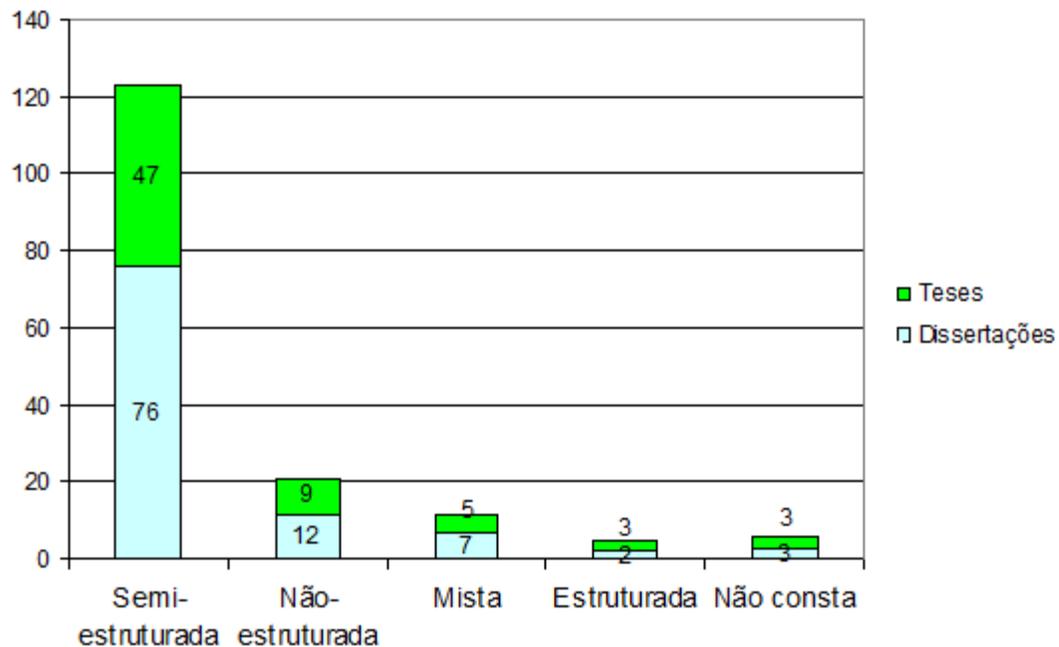
Observando a Figura 3, pode-se constatar que dentre os 176 trabalhos de pesquisas a entrevista não foi justificada em 100, ou seja, em 57% trabalhos de pesquisas a entrevista não foi justificada. Esse dado requer atenção, pois em 88,6% dos trabalhos a entrevista foi considerada como procedimento auxiliar para coletar os dados. Isso necessitaria ser justificado. A entrevista é um procedimento de coleta que trabalha como um tipo de dado específico: a versão sobre um fato (MANZINI, 2006). Portanto, a entrevista pode ser utilizada dentro de uma abordagem qualitativa ou quantitativa e a justificativa teórica para uma, para outra, ou para ambas as abordagens é algo imprescindível. O gráfico que segue apresenta esse tipo de dado.

**Figura 4** – Tipo de Pesquisa

Fonte: Trabalho de campo.

Pode-se concluir que a maioria pesquisas (69,5%) pode ser categorizada como descritiva. Percebe-se que houve a indicação de apenas uma única pesquisa de intervenção. Salienta-se que em 50 trabalhos (30%) os autores não descreveram o tipo de pesquisa realizada. A Figura 5 apresenta os tipos de entrevistas utilizadas nas pesquisas.

**Figura 5** – Quantidade e tipo de entrevista utilizada nos trabalhos analisados.



Fonte: Trabalho de campo.

A entrevista não-estruturada é utilizada por um número reduzido de participantes. É uma entrevista que se inicia com uma pergunta geradora e o pesquisador não possui um roteiro previamente estabelecido. A entrevista é difícil de ser conduzida e recomendada para pesquisadores e entrevistadores experientes. Com o objetivo da pesquisa em mente, o entrevistador irá conduzindo a entrevista tentando relacionar o objetivo pretendido com as informações que estão sendo apresentadas pelo participante. Geralmente a entrevista é mais longa e, na maioria das vezes, o pesquisador retorna para realizar outras entrevistas com o participante para aprofundar o nível de informação. É indicada para estudar particularidades de forma profunda.

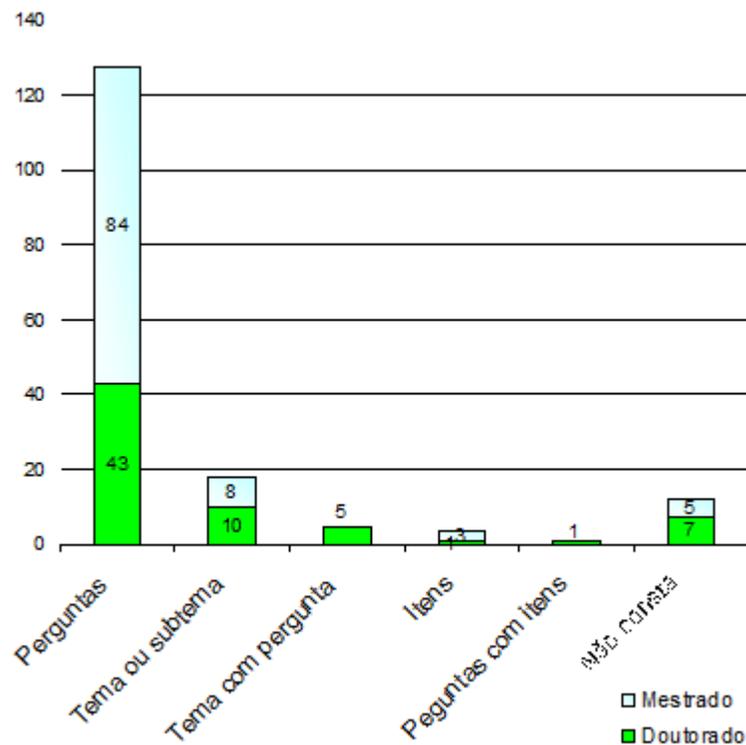
A entrevista estruturada tem como característica um roteiro prévio, com perguntas fechadas. O roteiro é usado pelo entrevistador (ou entrevistadores) na mesma sequência em que foi elaborado. É indicada para pesquisa com grandes populações, a análise é quantitativa e usa como procedimento de análise os conhecimentos da estatística. O roteiro precisa ser muito bem trabalhado e o pesquisador deve conhecer a fundo o tema da pesquisa, para inclusive elaborar as alternativas de resposta.

A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc. Deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta.

Observando os dados da Figura 5 é possível notar que 123 pesquisas de mestrado e doutorado usaram a entrevista semiestruturada, o que corresponde a 73,7% dos pesquisadores. Esse dado confirma a hipótese de que a entrevista semiestruturada confere confiança ao pesquisador e possibilita a comparação das informações entre os participantes entrevistados (MANZINI, 2006). Interessante também notar que 21 pesquisadores utilizaram a entrevista não-estruturada, que requer conhecimento prévio sobre as variáveis que se pretendem verificar. Também se pôde perceber que 12 pesquisadores usaram a entrevista mista, que pode trazer complicações para a coleta, visto que o enquadre (BLEGER, 1980) a ser realizado com perguntas fechadas é diferente do enquadre realizado com as perguntas abertas, que possibilitam ao entrevistado responder de forma mais espontânea.

Em termos de classificação do tipo de entrevista, a literatura apresenta três modalidades clássicas. A entrevista semiestruturada, a entrevista não-estruturada e a entrevista estruturada. As indicações para um ou outro tipo de entrevista dependem, principalmente, do objetivo da pesquisa, do número de participantes que estão disponíveis para participar da coleta.

A Figura 6 apresenta o tipo de roteiro utilizado nas pesquisas analisadas e seu número de ocorrência.

**Figura 6** – Tipos de roteiros utilizados nos trabalhos de pesquisas.

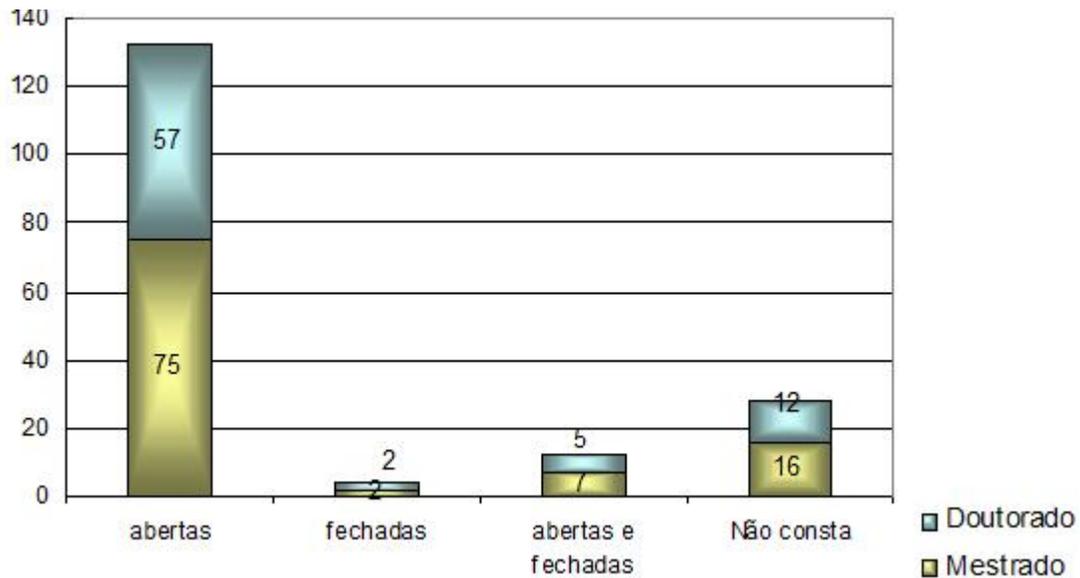
Fonte: Trabalho de campo.

Os dados da Figura 6 indicam que em 127 roteiros a elaboração aconteceu por meio de perguntas, o que correspondeu a 76% dos trabalhos de conclusão.

Em 18 trabalhos de pesquisas, os roteiros foram compostos por temas ou subtemas. Em 12 pesquisas não informaram o tipo de roteiro utilizado. A composição do roteiro por meio de perguntas é importante para vários motivos. Primeiro porque é possível preparar a configuração das perguntas e adequá-las para o nível de linguagem dos participantes. Além disso, é importante que todas as perguntas, que se relacionam a itens e conceitos a serem pesquisados (GÜNTHER, 1999), sejam realmente feitas durante a entrevista, uma vez que a comparação de respostas na entrevista semiestruturada é requerida na análise. Uma coleta mal estruturada não trará dados substanciais para serem analisados. Portanto, adequação da linguagem, nível de dificuldade mental para respondê-las, sequência de perguntas no roteiro, verificação da existência de perguntas manipulativas, perguntas com múltiplas finalidades, uso de jargão, dentre outros, são

cuidado necessários para o planejamento e que antecedem a entrevista propriamente dita (MANZINI, 2003b; 2004).

**Figura 7** – Tipo de pergunta utilizado nas pesquisas e o número de sua ocorrência.



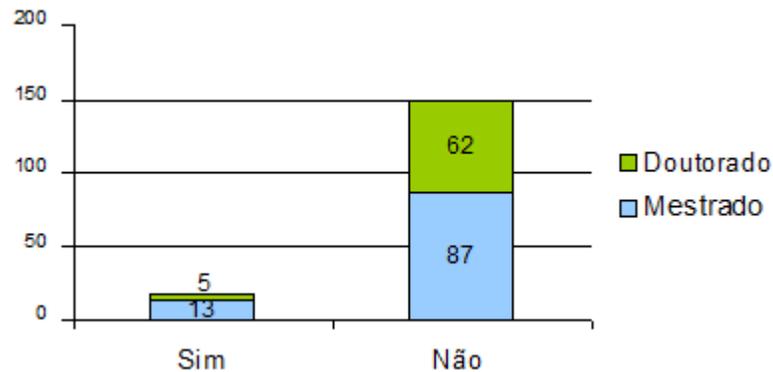
Fonte: Trabalho de campo.

É possível observar na Figura 7 que as perguntas abertas foram mais utilizadas representando um total de 132 pesquisas de mestrado e doutorado. Sendo que duas pesquisas de mestrado e duas de doutorado utilizaram as perguntas fechadas, sete pesquisas de mestrado e cinco de doutorado usaram as perguntas abertas e fechadas. Salienta-se que as 16 pesquisas de mestrado e as 12 de doutorado computadas na categoria *não consta* foram aquelas cujos roteiros foram compostos por itens ou temas.

Portanto, os dados indicam que elaborar perguntas abertas pode parecer mais simples e fácil do que elaborar perguntas fechadas. Porém, na prática, a ordem de dificuldade pode ser a mesma. Com certeza, para que se tenha clareza de que as perguntas do roteiro respondam os objetivos de pesquisa e que as perguntas estejam metodologicamente adequadas é necessário enviar o roteiro para a análise de um pesquisador mais experiente, que tenha trabalho com entrevista e, de preferência, dentro o tema do estudo.

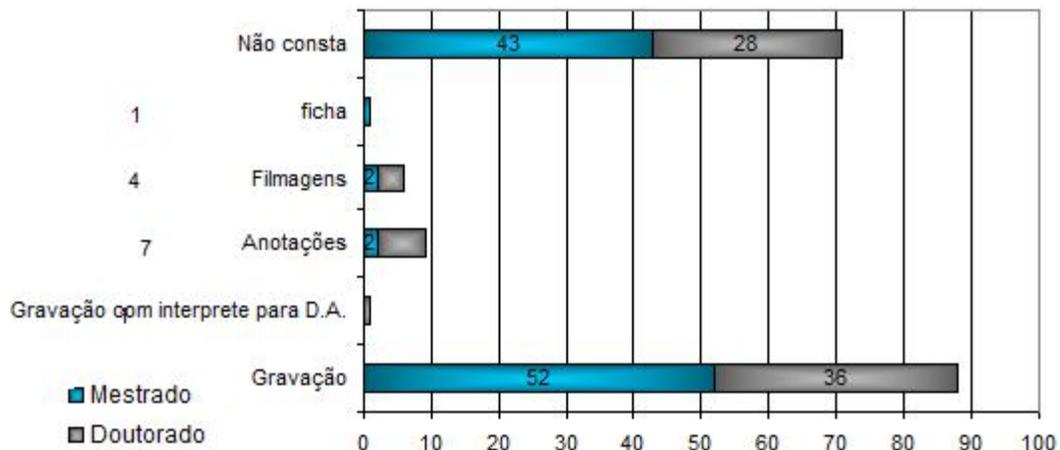
Os dados da Figura 8 indicam que apenas 13 pesquisas de mestrado e 5 de doutorado submeteram o roteiro da entrevista à apreciação de juízes, enquanto a maioria (87 pesquisas de mestrado e 62 de doutorado) não teve essa preocupação.

**Figura 8** – Quantidade de dissertações e teses que submeteram o roteiro à apreciação de juízes.



Fonte: Trabalho de campo.

Apesar de a grande maioria dos pesquisadores optar pela entrevista semiestruturada, que é composta por um roteiro com perguntas abertas - que correspondeu a 76% dos trabalhos de conclusão - apenas 11,77% dos pesquisadores submeteram o roteiro da entrevista à apreciação de juízes. Esse dado se agrava ainda mais quando se verifica que apenas 20% dos pesquisadores realizaram estudo piloto. Dessa forma, convém salientar que a adequação da linguagem, a forma como as perguntas estão dispostas no roteiro, as perguntas manipulativas, o jargão técnico, dentre outras condições desejáveis e indesejáveis necessitam ser postas à prova por meio da apreciação de juízes e estudo piloto. A Figura 9 apresenta o tipo de registro utilizado durante a realização das entrevistas:

**Figura 9 – Tipos de registros.**

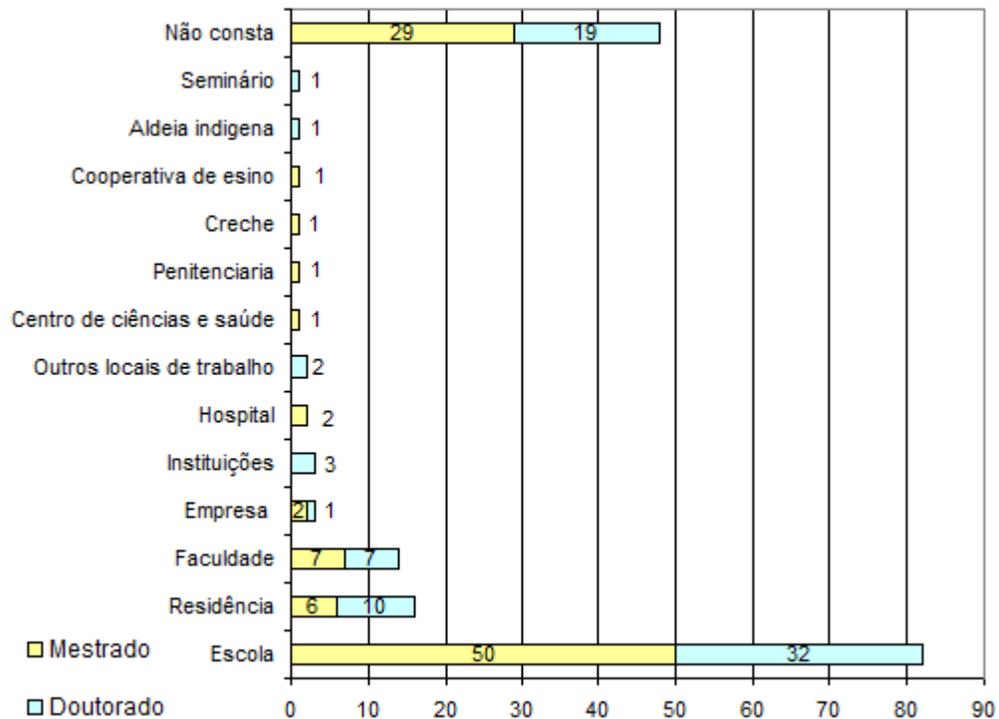
Fonte: Trabalho de campo.

Em relação às formas de registro, 57% dos pesquisadores utilizaram filmagens ou gravação, porém, pôde-se constatar que 42,5% do total de trabalhos não indicaram o tipo de registro. Esse dado é muito importante para verificar a autenticidade das falas do entrevistado e credibilidade científica para o processo de análise dos dados.

Salienta-se que uma pesquisa de doutorado usou gravação com intérprete para entrevistar aluno com deficiência auditiva e uma pesquisa de mestrado usou uma ficha para registro, ou seja, um tipo específico de anotação.

A Figura 10 apresenta a ocorrência dos locais de realização das entrevistas.

**Figura 10** – Local de ocorrência de entrevistas.

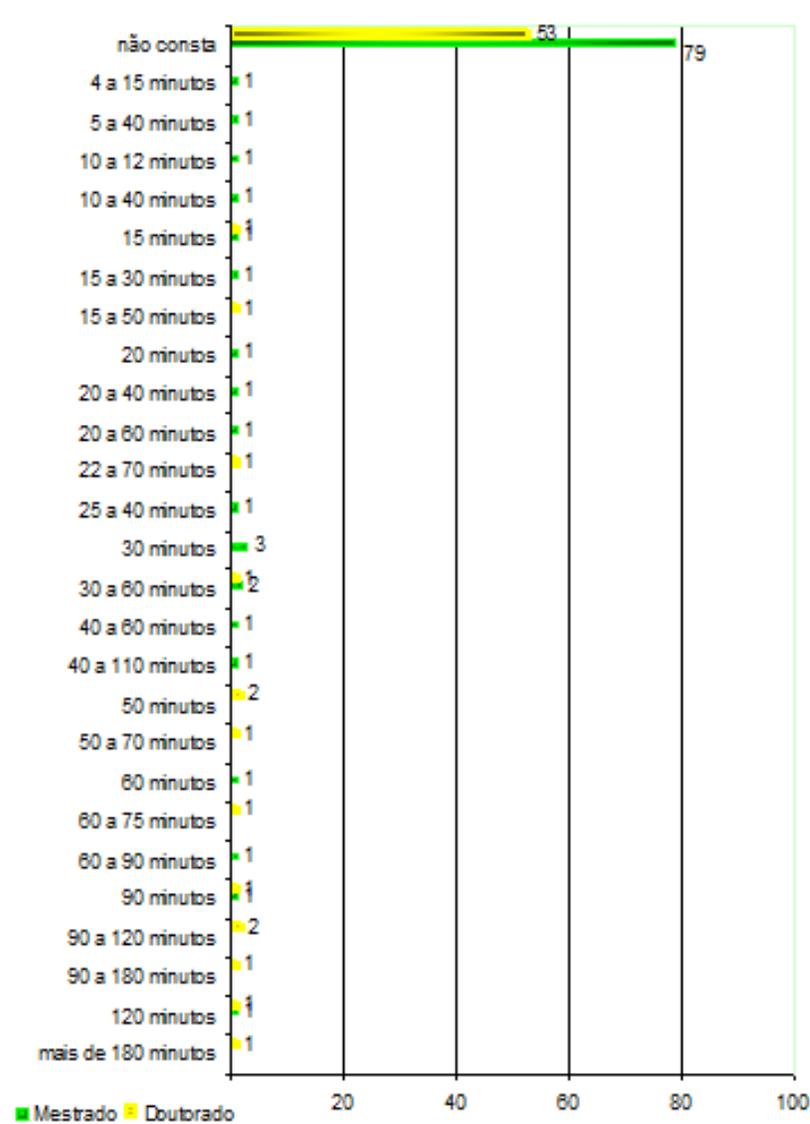


Fonte: Trabalho de campo.

A Figura 10 indica que as entrevistas realizadas para os trabalhos de dissertações e teses ocorreram basicamente na escola. Como se trata de um programa em educação, esse dado era o esperado. Porém, percebe-se que 48 trabalhos de conclusão não informaram o local da realização das entrevistas.

A Figura 11 mostra a variação do tempo de duração das entrevistas realizadas, para tanto foram selecionados os intervalos indicados pelos autores.

**Figura 11** – Duração das Entrevistas.



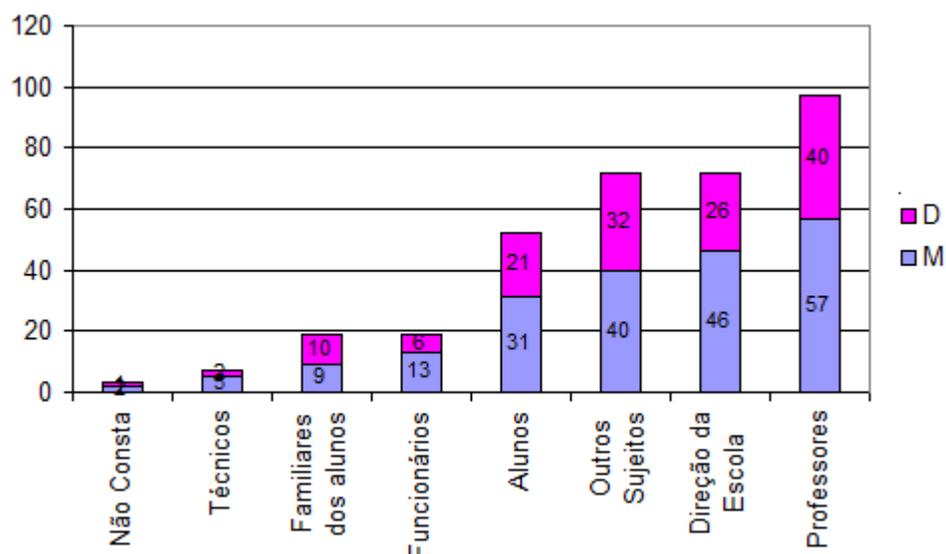
Fonte: Trabalho de campo

Percebe-se, observando a Figura 11, a grande variação de tempo indicado para realização das entrevistas. Por tratar-se de diferentes pesquisas e com diferentes objetivos, não deveria existir uma convergência de tempo despendido. Salienta-se que esse dado gerou dificuldade para ser registrado e a opção final foi por exibir o intervalo de tempo conforme o autor descrevia no trabalho de conclusão.

Em relação ao tempo de duração das entrevistas, os dados confirmaram aquilo que a literatura da área apresenta, uma vez que pode haver variações bem diferenciadas de tempo de uma entrevista para outra, pois esse procedimento de coleta prevê diferentes problemas de pesquisa e, por sua vez, diferentes roteiros, que podem ser constituídos por um número variado de questões. Porém, 79% dos trabalhos não indicaram a média de tempo ou a variação de tempo despendido com as entrevistas.

A Figura 12 apresenta os tipos de participantes entrevistados.

**Figura 12 - Participantes entrevistados**

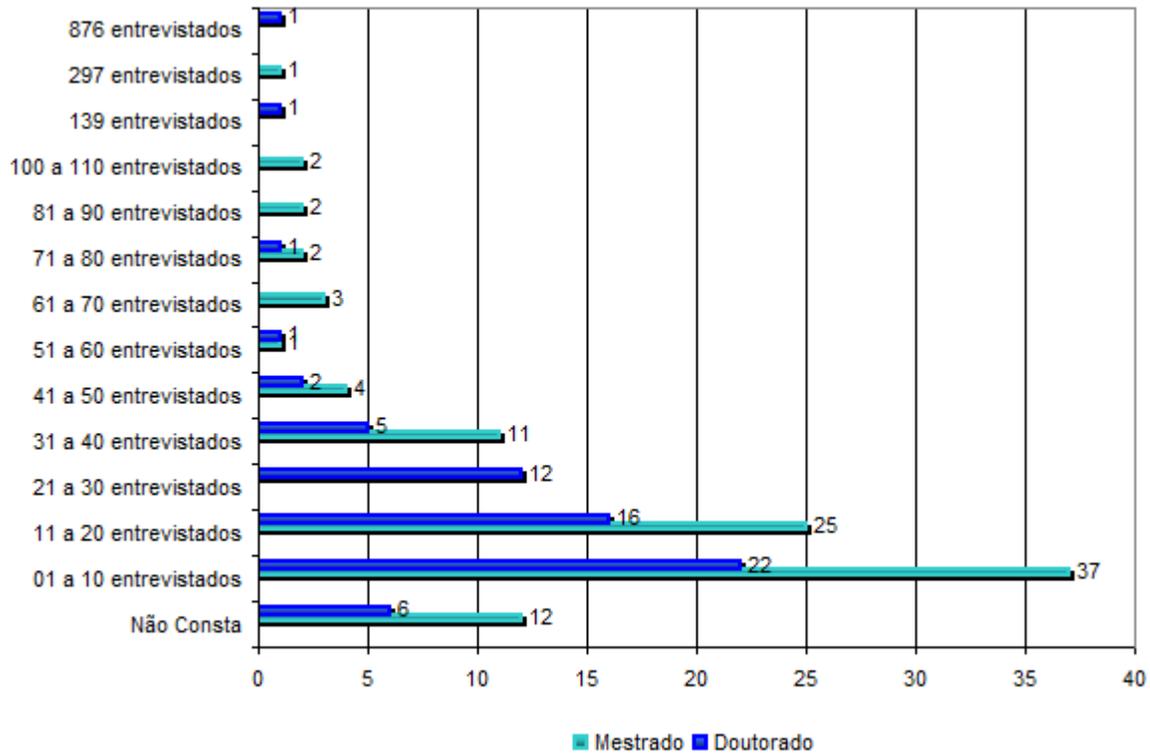


Fonte: Trabalho de Campo.

Dentre os sujeitos entrevistados nos trabalhos de pesquisas verifica-se que atenção especial está voltada para escola, sendo os professores os participantes que mais foram selecionados para as pesquisas. Salienta-se que as pesquisas que utilizaram entrevista acabaram por selecionar mais de um tipo de participante para a pesquisa, mas de forma geral, os entrevistados eram da comunidade escolar.

Em três pesquisas não foram apontados os participantes que concederam as entrevistas. Essa deve ser considerada uma falha grave na descrição dos trabalhos.

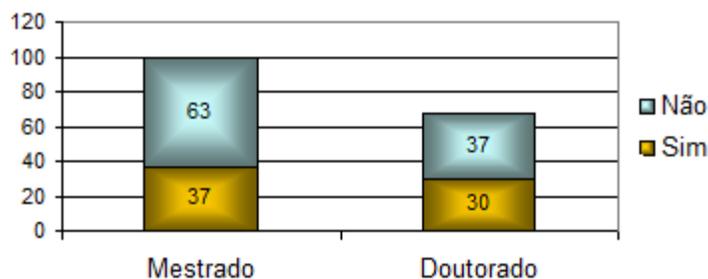
**Figura 13** – Número de Entrevistados.



Fonte: Trabalho de Campo.

Observa-se que o número de sujeitos entrevistados nas dissertações variou de um a 876 entrevistados. Salienta-se que as entrevistas estruturadas correspondem ao número mais elevado de participantes e as entrevistas não-estruturada e semiestruturada aos menores escores de participantes.

**Figura 14** – Uso do termo de consentimento para a realização da entrevista.

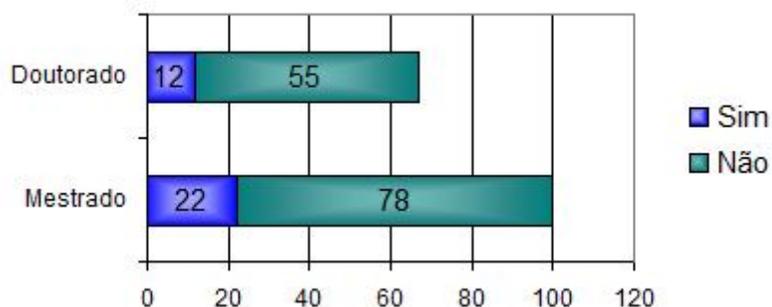


Fonte: Trabalho de Campo

Pode-se notar na Figura 14 que 100 pesquisas não utilizaram o termo de consentimento. Esse número corresponde 60% de todas as pesquisas. Assim, existe necessidade de informar e encorajar os jovens pesquisadores a enviarem os seus projetos aos Comitês de Ética, que ainda estão se sedimentando nos programas de pós-graduação e se constitui em novidade para alguns.

A Figura 15 apresenta os números de pesquisas que utilizaram o estudo piloto:

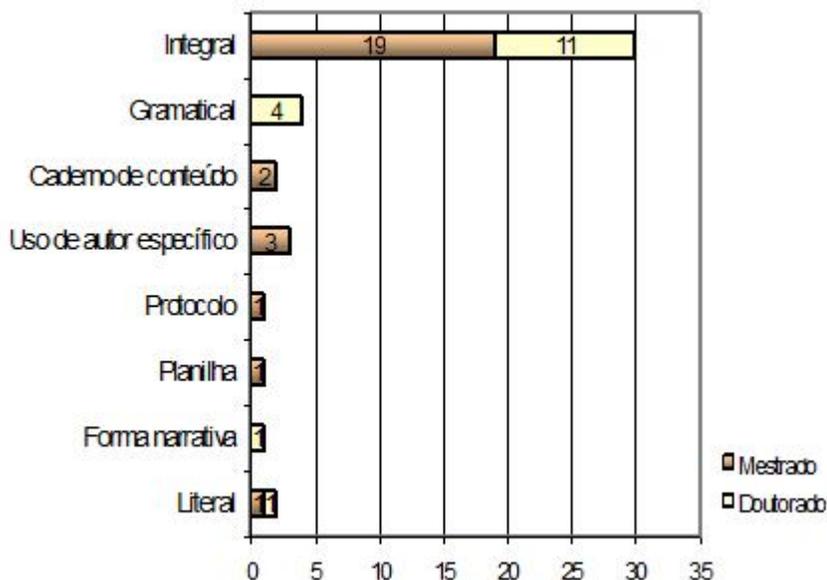
**Figura 15** - Números de pesquisas que utilizaram o estudo piloto.



Fonte: Trabalho de Campo.

A Figura 15 indica que apenas 34 pesquisas analisadas realizaram estudo piloto, ou seja, apenas 20% dos trabalhos. O Estudo piloto deve ser compreendido como uma pesquisa que realiza todas as etapas previstas: elaboração do roteiro; apreciação de roteiro para juizes (profissionais mais experientes); realização da entrevista; transcrição e elaboração de um sistema de categorias. Ao final do estudo piloto é possível afirmar ou não se os dados coletados responderam ao objetivo inicial. O estudo piloto pode ser realizado com duas ou três entrevistas com entrevistados que não irão participar da pesquisa principal, mas que possuem características semelhantes à população que fará parte da pesquisa. Uma das vantagens do estudo piloto é a elaboração de um sistema de categorias que poderá ser utilizada na pesquisa principal. Além disso, o estudo piloto serve, por um lado, para treinar ou criar confiança no jovem pesquisador para coletar os seus dados sem ficar dominado pelo roteiro de entrevista, neste caso, o roteiro semiestruturado.

Já na entrevista estruturada, o estudo piloto servirá não só para adequar a linguagem, mas para se ter clara idéia sobre o tempo que irá despender ao utilizar o roteiro e tabular as respostas em uma planilha eletrônica.

**Figura 16** – Tipo de transcrição dos resultados obtidos.

Fonte: Trabalho de Campo.

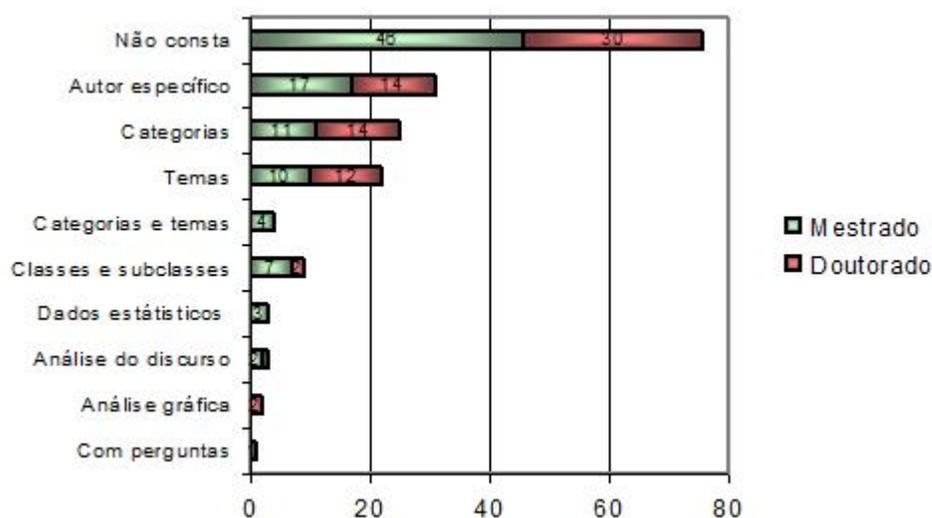
Pode-se constatar que 18% dos pesquisadores indicaram utilizar a transcrição integral. Porém, 74% dos trabalhos não descreveram como foi realizada a transcrição. O cuidado com a transcrição de entrevista ainda não é uma prática usual, geralmente a transcrição usa as normas gramaticais e poucos pesquisadores utilizam anotações complementares. Essa é uma prática que ainda necessita ser redirecionada.

Como já salientou Queiroz (1983), ao apresentar sua experiência em relatos de histórias de vida, a transcrição seria uma reprodução de um documento (a gravação) num segundo exemplar (material escrito) que exiba total conformidade e identidade com o primeiro. Para o autor, a definição de transcrição indica já como preferencial a execução da tarefa pelo próprio pesquisador e traz como vantagem a oportunidade de uma “primeira reflexão sobre sua experiência”. Ao escutar a fita, o entrevistador consegue “captar a experiência sem a acuidade dos envolvimentos emocionais que o contexto vivo” (entrevista) acarretava e poderá retomar a experiência para aprofundar suas observações. Dessa forma, “ao efetuar a transcrição o pesquisador tem, então, a invejável posição de ser ao mesmo tempo interior e exterior à experiência” (QUEIROZ, 1983, p. 84).

Marcuschi (1986) compilou quatorze sinais que considerava mais frequentes e úteis para realizar uma transcrição. Além desses sinais, o autor indicou algumas dicas para a transcrição: 1) evitar as maiúsculas em início de turno<sup>1</sup>; 2) utilizar uma sequenciação<sup>2</sup> com linhas não muito longas para melhorar a visualização do conjunto; 3) indicar os falantes com siglas ou letras do nome ou alfabeto; 4) não cortar palavras na passagem de uma linha para outra.

A Figura 17 apresenta o tipo de análise feita pelos pesquisadores.

**Figura 17** – tipo de análise dos resultados obtidos.



Fonte: Trabalho de Campo.

Sobre os procedimentos de análise, 57,5% dos trabalhos não informaram o tipo de análise usada e 43,5% indicaram a análise fundamentada em alguma literatura específica. Percebe-se que os procedimentos de classificação, categorização ou análise por temas têm sido os mais frequentes. O que chama atenção é o fato de que 30, das 67 teses, não indicaram o tipo de análise desenvolvida. O que se espera nos estudos de doutorado é um aprofundamento teórico-metodológico, uma vez que o caminho natural dos doutores é promover a formação de novos quadros acadêmicos. Serão os doutores que irão formar novos pesquisadores, trabalhando inicialmente com alunos de iniciação científica, especialização e, posteriormente, quando

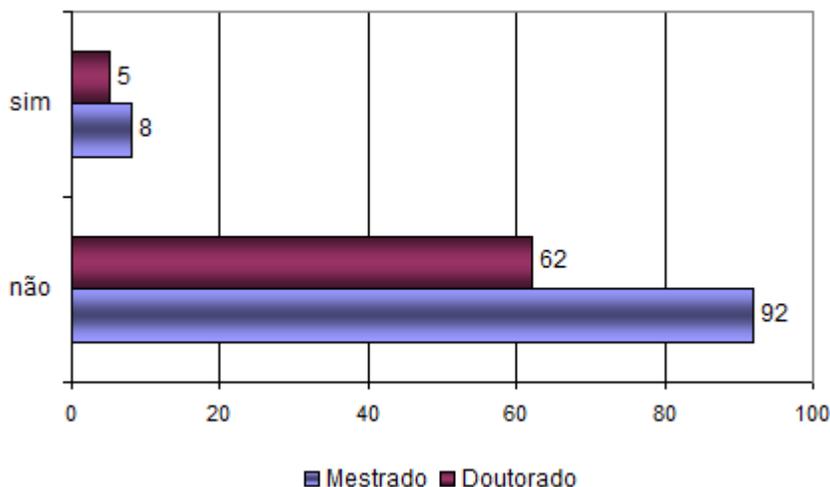
<sup>1</sup> Turno: é a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio, que é significativo e notado. Outras expressões comuns são: *ter o turno* e *troca de turno*.

<sup>2</sup> Sequenciação: uma série de turnos sucessivos que se ligam por alguma razão semântico-pragmática.

possível devido ao contexto da universidade, formar novos mestres e novos doutores. Portanto, a formação do aluno de doutorado deve ser sólida no que se refere aos fundamentos científicos.

A Figura 18 informa o número de pesquisadores que submeteram sua análise de dados (classificação realizada) à apreciação por juízes.

**Figura 18** – Juízes para análise dos dados.



Fonte: Trabalho de Campo

A Figura 18 mostra que das 100 dissertações, apenas oito submeteram sua análise aos juízes. E das 67 teses, apenas cinco submeteram análise aos juízes. A porcentagem de todos os trabalhos, dissertações e teses, cuja análise de dados não foi submetida à apreciação por juízes corresponde a 92% dos trabalhos.

Uma possível interpretação subjacente aos dados é a existência da concepção de que a entrevista é puramente qualitativa e que procedimentos de checagem de fidedignidade ou concordância não são necessários. Muito pelo contrário, os cuidados com a checagem das categorias de análise já foram discutidos pelos pesquisadores que trabalham com pesquisa qualitativa há mais de 29 anos e não podem ser esquecidos ou passar despercebidos (ANDRÉ, 1983).

Submeter o sistema de classificação ou análise a pesquisadores mais experientes (juízes) confere ao trabalho de pesquisa consistência teórico-metodológica. Quando os juízes aprovam o sistema de classificação significa que outros observadores externos estão confiando no sistema

adotado, ou seja, existe concordância ou fidedignidade entre juízes, portanto, os dados tornam-se científicos. Numa pesquisa qualitativa, quando duas pessoas concordam com o significado dos relatos implica dizer que aquele fenômeno observado é científico (ENGELMANN, 1995).

#### 4 Conclusão

Dentre os dados analisados, pode-se concluir que as principais questões identificadas foram:

a) A entrevista semiestruturada foi a mais utilizada nos trabalhos de mestrado e doutorado, o que comprova que um roteiro preestabelecido oferece maior segurança ao jovem pesquisador para coletar dados verbais em entrevistas;

b) Há necessidade de instruir os estudantes que trabalham com entrevista para que enviem, para pesquisadores mais experientes, os roteiros para análise, que auxiliarão na adequação do instrumento;

c) Há necessidade de que o sistema de classificação dos dados advindos da entrevista possa ser apreciado por juízes para comprovar a fidedignidade e, assim, conferir cientificidade ao sistema.

d) A entrevista piloto deveria ser um procedimento adotado, que poderá conferir a validade interna dos dados coletados para a entrevista.

e) Parece existir a necessidade de discutir questões metodológicas e, principalmente, inserir o procedimento de coleta por meio de entrevista dentro de uma abordagem teórica, ou seja, não utilizar esse procedimento como algo mecânico desprovido de sustentação teórico-metodológica.

Finalizando, os resultados do estudo indicam a necessidade de os jovens pesquisadores se aterem aos cuidados metodológicos ao planejar as entrevistas, ao executar a coleta e ao analisar as informações.

#### Referências

ANDRE, M. E. D. A. . Texto, Contexto e Significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), n. 45, p. 66-71, 1983.

- BLEGER, J. *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. Tradução Rita Maria M. de Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 2006. (Coleção Ciências da Educação).
- GOMES, W. B. O critério metodológico da fenomenologia estrutural na análise de depoimentos. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre, v.4, n.1, p.98-102, 1988.
- GOMES, W.B. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. São Paulo, *Psicologia USP*, v.8, n.2, p.305-336, 1997.
- GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário. In: PASQUALI, L. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM, IBAPP, 1999. p.231-258.
- ENGELMANN, A. *Como estudar cientificamente a consciência?* 1995. (Mimeo.).
- MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v.26/27, p.149-158, 1990/1991.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.). *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Eduel, 2003b. p.11-25.
- MANZINI, E. J. *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, A pesquisa qualitativa em debate, Bauru, 2004. *Anais...*, Bauru: SIPEQ, 2004. 1 CD.
- MANZINI, E. J.; SILVA, J. R. Projetos de pesquisa em educação especial: identificando categorias para análise. In: SIMPÓSIO EM FILOSOFIA E CIÊNCIA, 4, 2001, Marília. *Resumos...* Marília: Unesp, 2001. p.102.
- MANZINI, E.J. Análise de artigos da Revista Brasileira de Educação Especial (1992-2002). *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília: Unesp, v. 9, n. 1, p. 13-23, 2003a.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- NOGUEIRA, O. *Pesquisa social: introdução as suas técnicas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1968. p. 111-119.
- QUEIROZ, M.I.P. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.
- REA, L. M.; PARKER, R. A. Desenvolvendo perguntas para pesquisas. Tradução Nivaldo Montigelli Jr. *Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução*. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 57-75.

ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, G. BISOLI-ALVES, Z. M. M. *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p.119-133.

SEIDMAN, I. *Interviewing as qualitative research*. 2.nd edition. New York: Teachers College Press, 1988.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.